

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 12.)

Ação phisica e mechanica da atmosphaera.

305.º A atmosphaera deve ser considerada como um vasto oceano de gaz, que circunda a terra, e que se eleva muitas legoas acima da sua superficie. Experiencias exactissimas provão que o ar é pesado — nem podia deixar de o ser, sendo um corpo. A pressão, que elle exerce sobre a terra, é igual á que exerceria uma columna de agua de 32 pés, que envolvesse o nosso globo por todos os pontos. E' em virtude do pezo do ar que a agoa sobe nas bombas até á altura que acabámos de indicar; e que o mercurio sobe no barometro (instrumento, que logo descreveremos) até á altura de 28 pollegadas.

306.º O pezo da atmosphaera influe consideravelmente nos phenomenos tanto da vida animal como da vegetal. Os orgãos, e particularmente os vasos, tanto dos animaes como das plantas, quaudo mergulhados no vazio da maquina pneumatica, distendem-se a ponto de se romperem; e isto pela razão de que a pressão do ar exterior, desapparecendo quasi de todo, deixou de equilibrar com a elasticidade do ar contido nos mesmos orgãos.

307.º As variações, que o ar atmospherico experimenta pelo que respeita á sua gravidade dão logar a muitos e variados phenomenos. Os ventos são uma consequencia destas variações. O ar dilatado pelo calor do sol torna-se mais leve, condensado pelo frio torna-se mais pesado; e então sempre que occorrer qualquer destas circumstancias ha-de romper-se o equilibrio das columnas atmosphericas; e estas se põrão em movimento, e os ventos se manifestarão como uma consequencia daquella falta de equilibrio. N'outros casos os ventos poderão depender da evaporação das agoas do mar, que tornão a atmosphaera que lhes corresponde menos pezada em relação ás camadas, que correspondem aos continentes; das commo-

ções e correntes electricas, e de quaesquer outras causas por ventura menos geraes, mas que possão como as primeiras rarefazer ou condensar parcialmente a atmosphaera, destruindo assim o seu equilibrio.

308.º Os ventos são para a atmosphaera o que as marés e as correntes são para o mar. Elles agitão e misturão sem cessar os diversos gazes atmosphericos, e impedem que os miasmas deletereos se estacionem nas camadas mais proximas da terra, o que seria de um funesto resultado para as plantas, e muito principalmente para os animaes. Elles são as causas occasionaes da maior parte das chuvas, e sem a sua benéfica acção muitos paizes serião privados deste beneficio. Quando fortes e continuos são muito prejudiciaes á vegetação, açoitando as arvores a ponto de impedir o livre curso da seiva, e de destruil-as parcial ou totalmente. E' então que o agricultor intelligente deve empregar os abrigos ou naturaes ou artificiaes para escudar as plantas contra este infatigavel inimigo.

309.º Segundo os paizes que percorrem, assim possuem os ventos propriedades diversas. Quando atravessão paizes humidos e quentes favorecem consideravelmente os progressos da vegetação, e são então nutrientes como dizem os camponezes; mas se pelo contrario são secos e summamente calidos exercem no meio dia da Europa uma acção quasi sempre desastrosa. Todos os nossos agricultores conhecem a acção destruidora e dessecante dos ventos nordestes em quasi todas as estações do anno — o rigor dos frios que acompanhão os ventos, que soprão do norte, durante o inverno, a frequencia das chuvas que nos são importadas pelos ventos sul e sudoeste, que são juntamente com os primeiros os ventos mais geraes e dominantes de Portugal.

310.º Mas além destes ventos geraes ha outros parciaes, e privativos de certas localidades, filhos de circumstancias topographicas diversas, como são, as vizinhanças do mar, as extensas florestas, os lagos, as cordilheiras de montanhas, &c., que cada agricultor deve estudar especialmente.

311.º O pezo ou pressão da atmosphaera é indicado e medido pelo barometro, instrumento muito util ao cultivador. Este instrumento é formado por um tubo fechado pelo lado superior, e aberto pelo inferior,



que mergulha perpendicularmente em um pequeno reservatório em fôrma de frasco, cheio em parte de mercurio. E' fixado sobre uma plancheta graduada de um lado em polegadas e linhas, e do outro em centímetros e millímetros. O tubo acha-se vazio de ar, para que o mercurio possa equilibrar-se com o pezo da atmosphera, adquirindo uma maior ou menor altura. Esta altura varia para mais ou para menos, segundo aquelle pezo augmenta, ou diminue. Quando o mercurio sobe é porque a atmosphera se tornou mais pezada, quando desce é porque se tornou mais leve; e na verdade quando subimos uma montanha com o barometro, a columna de mercurio vae descendo á proporção que nos aproximamos do seu cume, porque o ar vae sendo cada vez mais rarefeito, e por isso menos pezado.

Humidade e secura da atmosphera.

312.º A atmosphera contem sempre uma certa quantidade de agoa em vapores. Estes vapores são o resultado da evaporação dos mares, dos lagos, dos rios, das plantas, dos animaes, e da propria terra, quando impregnada de humidade. Esta evaporação é determinada, como a da agoa fervente, pela acção do calor, com a differença porém, de que a primeira não é como a segunda percebida pelos nossos sentidos por se fazer de uma maneira insensivel e vagarosa.

313.º Posto que a agoa espalhada na atmosphera seja indispensavel á vegetação, todavia uma grande e constante humidade, particularmente nos climas temperados como o nosso, pôde ser muito prejudicial não só aos trabalhos do agricultor, que muitas vezes impede e difficulta, mas tambem á prosperidade das culturas, já diminuindo a quantidade dos productos, já abastardeando a sua qualidade.

314.º A excessiva secura do ar não é porém menos prejudicial do que a humidade superabundante; porque além de embaraçar do mesmo modo os trabalhos agricolas, retarda tambem, ou destroe a vegetação — e na verdade se esta secura se prolonga por muito tempo, as folhas não encontrando no ar o seu nutriimento ordinario, e perdendo pela evaporação os seus sucos mais necessarios, murchão-se, dessecão-se, e a sua destruição arrasta por vezes a da planta inteira. Se á secura do ar vier porém juntar-se a do solo, então todos os esforços do lavrador se tornão infructuosos, e todas as produções vegetaes desaparecem.

315.º A humidade excessiva é produzida no solo por uma superabundancia de agoa, e no ar por um excesso de vapores, que só se tornão perceptíveis, quando a atmosphera em que se achavão dissolvidos os abandona em parte, ou para nellá ficarem suspensos, ou para cahirem sobre a terra.

Nuvens, nevoas, e chuvas.

316.º Os vapores aquosos encontram-se na atmosphera debaixo da fôrma de pequenas vesiculas oucas e transparentes como os globulos da agoa de sabão. Estas vesiculas com a elevação da temperatura dilatam-se e dissolvem-se no ar, deixando neste estado de ser observadas pelos nossos sentidos: mas quando pelo contrario a temperatura desce, ou o que é o mesmo, quando o ar arrefece, ellas se condensam e transformam em *nuvens, nevoas, e chuvas.*

317.º As *nuvens* ou os vapores aquosos suspensos na atmosphera, segundo a sua maior ou menor leveza, assim se encontram nas camadas de ar, que se acham mais distantes ou mais proximas da terra. A estampa que apresentámos manifesta a posição e as fôrmas mais ordinarias das *nuvens*. Umavez deixam-se vêr debaixo da fôrma de filetes parallelos e tortuosos, ou divergentes; e estas *nuvens* são as mais leves e elevadas, e annunciam um tempo secco — outras vezes apresentam massas convexas ou conicas de base plana e irregular; e estas são mais pezadas; acham-se por isso mais proximas da terra; e presagiam quasi sempre grossos e abundantes chuveiros, e até mesmo fortes tempestades — outras vezes finalmente affectam a fôrma de longas linhas horizontaes e continuas em todas as suas partes com a sua base apoiada no solo; e estas são commummente o resultado da condensação nocturna ou matutina dos vapores, que acabaram de elevar-se da terra, e que se estendem, como uma vasta inundação, do fundo dos valles, da orla dos litoraes, ou da superficie dos lagos, e dos rios.

318.º As *nuvens* exercem uma pronunciada influencia sobre o clima, abaixando umas vezes e outras elevando a temperatura do ar, impedindo a irradiação do calorico da terra, e produzindo a humidade em ambos estes meios. As *nuvens* são a origem das chuvas, e os principaes motores das tempestades; ellas interceptam a acção directa dos raios solares sobre a terra, e diminuem a sua evaporação: diminuem tambem a transpiração das plantas, e difficultam o phenomeno da sua respiração.

319.º As *nevoas* são uma especie de *nuvens* obrigadas a permanecer temporariamente sobre a terra pela sua maior densidade. Quando os vapores das *nevoas* se dilatam, e se tornam por conseguinte menos pezados, deixam então as regiões mais baixas da atmosphera para se elevarem a outras mais superiores, transformando-se assim em *nuvens*; quando pelo contrario estes vapores se condensam, e fazem mais pezados, elles tornam a descer sobre a terra em fôrma de *nevoas*.

320.º As *nevoas* fertilisam commummente o solo; o cheiro particular e quasi fetido, que ellas lançam, depende dos gazes que teem em dissolução, e

que se exhalaram da terra, e das substancias organisadas no acto de se decomporem. Estes gazes são principalmente o acido carbonico, e a ammonia; sendo esta a razão porque as nevoas são consideradas como nutrientes; tornando-se por isso muito provavel que obrem chimicamente sobre a vegetação, em quanto circumdam as plantas de uma atmospheria reparadora e alimenticia.

321.º Tem-se porém observado que quando as nevoas são mui repetidas e perduraveis prejudicam sobre modo a vegetação, como acontece aos trigos, ás cevadas, e ás arvores de fructo, principalmente durante a epoca da sua floração.

322.º Quando as camadas de ar, em que se acham dissolvidos os vapores aquosos, arrefecem, estes vapores começam por se suspender na atmospheria debaixo da fórma de nuvens, condensam-se depois pela acção do frio, e formam pequenas gotas d'agua, que pelo seu pezo cahem sobre a terra debaixo da fórma de chuva.

323.º Ainda que as chuvas sejam algumas vezes produzidas por outras causas, e entre ellas pela acção eléctrica das nuvens, aquella é todavia a que mais ordinariamente as produz.

324.º A agoa das chuvas raras vezes cahe pura, mas antes vem misturada com vapores ammoniacaes, acido carbonico, ar, electricidade, &c., — sendo esta a razão, porque ella é tão vantajosa ás plantas, e porque as nutre muito mais do que a agoa que mana da terra.

325.º As chuvas cahem mais abundantes nas vizinhanças das grandes massas d'agua do que nos paizes aridos; nas localidades povoadas de arvores do que nas despovoadas dellas; nas montanhas e nos valles circumvizinhos do que nas planicies. Tambem chove mais abundantemente nos paizes quentes do que nos frios, posto que nestes ultimos as chuvas sejam mais frequentes. Todos estes factos fazem vêr que a quantidade das chuvas nas diversas localidades do globo está na razão directa da evaporação dessas mesmas localidades.

326.º As chuvas em não sendo excessivas são quasi sempre proveitosas no nosso clima. As mais favoraveis aos trabalhos agricolas e aos productos da cultura são as que cahem pelos principios da primavera, e pelos fins do outono. As chuvas de Abril são de uma grande fertilidade — *em Abril agoas mil* — diz um antigo proverbio nosso. As que desabam no inverno penetram profundamente no solo, armazenam-se na terra, alimentam e aprovisionam as fontes, e são o grande recurso do lavrador na estação do estio. Finalmente as que cahem nesta estação reparam as perdas ocasionadas pela excessiva evaporação, e produzem irrigações naturaes que são muitas vezes a salvação de algumas culturas. As chuvas não tem sómente vantagens, tambem ás vezes tem inconvenientes; mas

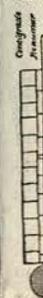
estes serão apresentados, quando tratarmos de algumas culturas em especial.

Temperatura e sua influencia na agricultura.

327.º O calorico é um fluido imponderavel abundantemente espalhado na natureza, que existe em todos os corpos, e actua nelles de varios modos, mas principalmente interpondo-se entre as suas mollecullas, tendendo sempre a desunil-as, tornando em virtude desta tendencia liquidos os corpos solidos, e gazosos os liquidos; e augmentando sensivelmente o seu volume. É o calorico que produz nos nossos sentidos a sensação do calôr.

328.º O calor da atmospheria assim como o dos outros corpos é variavel. O grau maior ou menor de calor chama-se temperatura. A temperatura avalia-se por meio de um instrumento que chamamos thermometro de que facilmente se fará uma idéa á vista da estampa que aqui apresentamos e da descripção que vamos fazer.

329.º O thermometro é um instrumento, que se compõe de um tubo de vidro terminado inferiormente por uma pequena bolla ou esfera occa; este tubo acha-se cheio, na sua maior parte, de mercurio, de espirito de vinho, ou de qualquer outro liquido, que gelle difficilmente. O ar foi expulsado do tubo o mais exactamente possivel. O instrumento achase graduado de maneira que zero indica o termo da congelação, e o espaço que se acha entre este ponto e o da agoa fervente é dividido em 80 ou 100 partes segundo se quer obter ou o thermometro de *Reaumur*, ou o *centigrado*. Os movimentos progressivos da columna de liquido acima ou abaixo de zero indicam exactamente o augmento do calor ou do frio, e a verdadeira temperatura da atmospheria, ou do corpo com que puzemos o instrumento em contacto.



330.º O uso deste instrumento basea-se sobre a propriedade que reconhecemos no calorico de se equilibrar e dilatar os corpos, de modo que quanto maior fôr a quantidade deste fluido existente na atmospheria tanto mais se dilatará o mercurio, e tanto maior será a elevação de columna thermometrica; e pelo contrario a columna descera á proporção que a temperatura descer; ou conforme diminuir a quantidade de calorico atmospherico.

331.º O calor, como dissemos em outro lugar, é um dos principaes agentes da vegetação, assim como a causa mais poderosa da diversidade dos climas. Quando depois de um longo e rigoroso inverno a natureza vegetal se acha como que intorpecida pelo frio, é pela activa influencia de um calor doce e humido, que a vegetação se reanima e toma um novo vigor. A energia e a rapidez com que as plantas se desenvolvem nos paizes tropicaes são igualmente devidas á

acção do calor intenso e humido, que existe constantemente nestas regiões, e que é tão vantajoso aos vegetaes, como nocivo e funesto ao homem, e a muitos animaes.

332.º Os paizes, que como o nosso gozam de uma temperatura suave, são os mais appropriados ás culturas economicas dos vegetaes. E' com uma grande facilidade que nestes paizes se naturalisam as plantas de quasi todas as regiões botanicas. Nós vemos crescer no nosso bello Portugal o castanheiro, a noqueira, e a maceira, plantas dos paizes frios, a par da oliveira, da videira, e da lorangeira, plantas dos paizes temperados; e todas estas arvores ao lado da tamareira, da drageira, e dos cactos, plantas dos paizes mais calidos. Vemos ainda crescer no mesmo campo o trigo, o milho grosso, o arroz, e as batatas, isto é, o pão das quatro mais antigas partes do mundo!

333.º Os paizes visinhos do mar, ou as plagas maritimas, tem em geral uma temperatura mais doce e mais uniforme do que as terras continentaes, que se acham em igual latitude, mas distantes deste vasto reservatorio das agoas do globo, que se conserva sempre n'uma temperatura proxivamente constante. Esta circumstancia favorece ainda a bondade do clima do nosso paiz, que é como todos sabem uma faxa litoral de uma pequena extensão de legoas. Entre tanto as altas e longas cordilheiras das nossas montanhas, os accidentes do terreno, e as extensas ou rareadas culturas das nossas diversas provincias estabelecem na pequena extensão do nosso territorio climas tão variados e diversos como os de França e Hespanha.

334.º A temperatura atmospherica, e por consequencia o clima variam em razão da latitude, da elevação maior ou menor acima do mar, da exposição, e dos abrigos. Em outro logar faremos algumas considerações sobre cada uma destas influencias.

335.º Durante as noites serenas os corpos que se acham á superficie do globo tornam-se mais frios do que a atmospherica, que os circunda, porque emittem e irradiam mais calorico do que recebem. D'aqui vem que os vapores da agoa dissolvidos no ar se condensam e cahem sobre estes corpos transformando-se umas vezes, quando a temperatura atmospherica não é muito baixa, em *orvalho*, e outras, quando a temperatura desce consideravelmente, em *geada*, que não é por tanto mais do que o orvalho condensado, e congelado pelo frio.

336.º Estes dois phenomenos são pois uma consequencia da differença de temperatura, que se estabelece entre o ar e a terra durante a noite. A sua influencia tanto na agricultura como no clima é grande. Os orvalhos que tem principalmente logar na primavera e no verão, são quasi sempre de um grande proveito á vegetação, porque são uma especie de irrigações naturaes, e irrigações de uma agoa summamen-

te nutritivo pelos gazes com que está misturada. As geadas, que occorrem quasi sempre de inverno, são umas vezes nocivas e outras proveitosas á mesma vegetação. O solo logo depois das lavouras aproveita muito com as geadas, não só porque o adubam, senão tambem porque o dividem e estorrom: ellas são tambem de grande vantagem ás gramineas no commeço de sua desenvolução, promovendo a ramificação das raizes e retardando a dos caules: mas em muitos casos são grandemente nocivas, destruindo muitas plantas, queimando os tecidos verdes das arvores, os rebentos das vinhas, &c. Estes inconvenientes sendo principalmente occasionados pelo acto da rapida liquidificação da geada quando os raios do sol a aquecem, é conveniente regar por meio de uma chuva artificial as plantas antes de nascer o sol para obter o mesmo effeito da liquidificação de um modo lento e innocuo.

Electricidade e sua influencia na agricultura.

337.º Os phenomenos da electricidade são o resultado da acção de um fluido imponderavel, desconhecido na sua essencia, e a que se dá o nome de fluido electrico. — Este fluido, que provavelmente existe como o calorico em todos os corpos da natureza, tende, como elle, e equilibrar-se ou a distribuir-se com egualdade. Este equilibrio pode estabelecer-se ou de uma maneira lenta por meio de correntes insensiveis, ou de uma maneira rapida e brusca acompanhada de explosões violentas e perigosas.

338.º A electricidade póde ser positiva, negativa, ou neutra. Os corpos animados de electricidades contrarias, isto é, os de electricidade positiva e negativa atrahem-se — os animados da mesma electricidade, isto é, os que a tem ou egualmente positiva ou negativa repellem-se; e aquelles finalmente em que estas duas electricidades se combinaram ficam sem se attrahir nem repellir, e dizem-se então *neutralizados*, ou no estado de electricidade neutra.

339.º Quando o equilibrio electrico se rompe entre nuvens proximas, ou entre as nuvens e a terra, tem ordinariamente logar o phenomeno das trovoadas. Effectivamente quando as nuvens se acham diversamente electrizadas, isto é, quando umas se acham carregadas de electricidade negativa, e outras da positiva estabelecem-se rapidas correntes de umas para outras — dellas para a terra, e da terra para ellas, e verificam-se então essas descargas ou explosões electricas, que produzem o estampido do trovão e a potencia destruidora do raio.

340.º Estes phenomenos electricos produzem ainda, umas vezes a saraiva, outras vezes as grossas chuvas, quer pela combustão parcial dos gazes constitutivos da agoa e que formam a massa principal das nuvens, quer pelo arrefecimento repentino dos mesmos gazes.

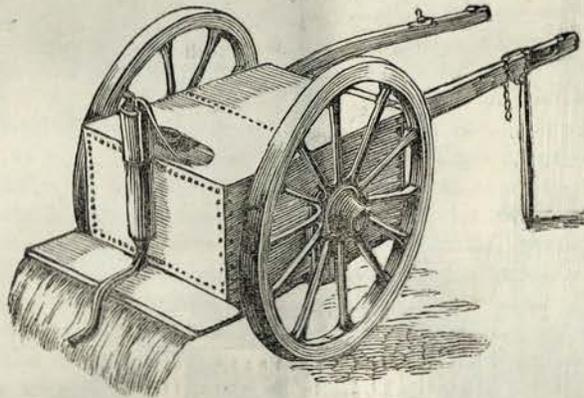
341.º As trovoadas são raras nos climas frios, frequentes nos temperados, e frequentissimas nos quen-

tes: nestes ultimos poucas vezes chove a não ser em consequencia das trovoadas; de modo que sem ellas a vegetação seria impossivel.

342.º A influencia do fluido electrico sobre a vegetação é muito evidente; mas aqui esta influencia só tem logar pela intervenção de correntes electricas insensiveis. Todos os agricultores sabem que durante o tempo das trovoadas a germinação é mais prompta, o desenvolvimento das plantas mais rapido, e a matu-

ração dos fructos mais facil. Os campos regados pelas agoas das trovoadas adquirem uma fertilidade incontestavel, porque a agoa que então cabe sobre a terra, além de vir sobrecarregada de electricidade, que é um estimulo natural da vegetação, traz tambem em dissolução muitas substancias nutritivas, que suspensas na atmosphera foram precipitadas com aquelle liquido sobre o solo.

(Continua).



CARRO PARA O ESTRUME LIQUIDO.

O uso dos estrumes, a necessidade que delles teem as plantas para poderem desenvolver-se e dar fructo, são cousas familiares aos homens que se applicam á industria agricola; e com tudo grande parte dos nossos lavradores esperdiçam e deixam estragar as substancias proprias para secundar a terra, ficando assim privados de um precioso thesouro.

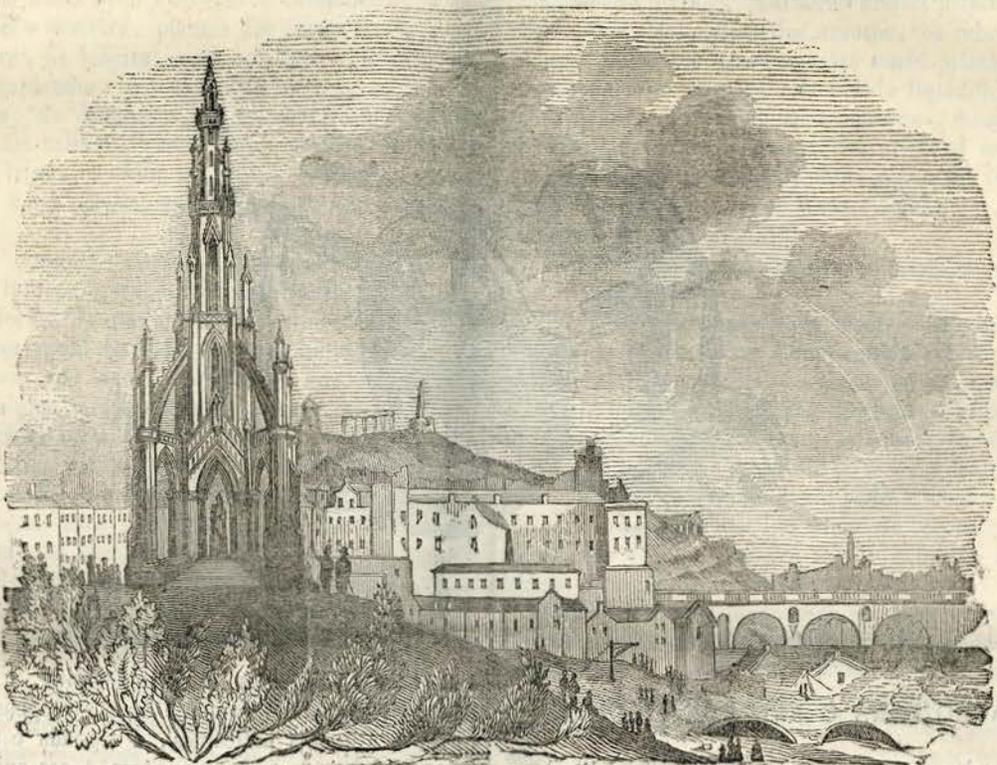
Entre os muitos erros que neste ramo commettem grande parte dos lavradores, um dos mais importantes, é o desaproveitamento dos estrumes liquidos, isto é, da urina, sangue, &c., que são dos mais ricos em substancias proprias para a nutrição das plantas. Em toda a parte onde a agricultura se acha um pouco adiantada, os curraes, e as cavalhariças, teem uma construcção tal que todos os excrementos dos animaes correm por uma goteira ou rego para um tanque ca-

vado no chão que lhes serve de deposito, e esta disposição tem simultaneamente duas vantagens, a primeira é a que já indicámos, a segunda é a conservação do aceio que tão proveitoso é aos animaes, e tanto contribue para a sua conservação, e desenvolvimento. Entre nós porém o chão das casas onde se guarda o gado não tem forma regular, e propria para os fins a que é destinado, antes é desigual, aspero, e por extremo incommodo aos animaes.

A estampa que damos acima prova o muito caso que fazem os inglezes dos estrumes liquidos: representa um carro feito de folha de ferro, e destinado a espalhar na terra esta especie de estrumes. A sua fórma é, como se vê, muito propria para o fim a que é destinado.

Entre nós carros desta natureza poderiam tambem ser applicados á rega com grande vantagem; dando-se-lhe dimensões taes que um homem os puxasse e dirigisse com facilidade.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



SIR WALTER SCOTT.

O nome de Walter Scott é hoje um daquelles a que o mundo tem dado lugar entre os mais illustres na historia do pensamento humano: nenhuma reputação moderna tem chegado mais longe, nenhuma tem maior e mais indisputavel gloria.

O romance historico, essa fórmula nova de arte, que encerra em si toda a grandeza moral, toda a verdade das paixões e da vida que constituem a sublimidade do drama, que prende ás maiores bellezas descriptivas as mais severas descubertas da erudição, que enlaça a amenidade da poezia lyrica com a grandeza da epopeia, deve muito, deve tudo a Walter Scott. Póde affirmar-se que foi elle quem o creou, quem lhe deu as suas verdadeiras proporções. Não é difficil achar a origem do romance historico; todas as creações de

arte tem principio em outras anteriores, de que ellas não são senão o aperfeiçoamento ou antes a deducção: não é porém menos exacto que esta fórmula era, por assim dizer, ignorada antes do illustre romancista escocoz lhe ter delineado os contornos, definido e fixado a indole e natureza intima.

As fabulas da cavallaria foram a primeira manifestação da muza do romance nas edades modernas; mas então tinha ella a rude grandeza, a selvagem candura, dos povos que a adoravam: os primeiros desses romances ainda em verso fazem lembrar as cathedraes que o genio gothico alevantou nos climas nebulosos do norte. A ferocidade das paixões, o ardor da guerra, o horror dos infieis, a fé supersticiosa, a simplicidade das fórmulas, que constituem os caracteres principaes desses poemas, são reflexos da civilização grosseira que os produziu. Estes caracteres não permaneceram

por muito tempo inalteráveis: os romances em prosa, cujo typo foi o *Amadis de Gaulia* do nosso Vasco de Lobeiro, já não conservam o sabor acre mas puro de uma poesia primitiva; ha nelles a amaneirada, a alambicada e ridicula fraseologia de uma litteratura decadente; e que de feito veio a morrer ás mãos de Cervantes, fulminada pela satira.

Acabou o romance de cavallaria, mas a fórma ficou; e passando de transformação em transformação, chegou a Walter Scott, atravessando o seculo XVIII, que a cultivou muito, mas sem a aperfeiçoar. Uma erudição vastissima, e um talento immenso, acompanhado da razão mais clara e da limpidez pouco ordinaria no desenhar das paixões do coração humano, deram ao illustre romancista o poder de renovar uma fórma já gasta, e de a fazer servir á resolução de espinhosos problemas de historia, e difficeis questões de philosophia social.

Walter Scott nasceu em Edimburgo a 15 d'Agosto de 1771 de uma familia distincta: seu pae era *Writer to the Signet* (solicitador) n'um tribunal; onde gozava de uma boa reputação pela sua muita integridade e pratica de negocios: sua mãe, filha de um professor de Physica da Universidade de Edimburgo, tinha uma grande instrucção, e deu a primeira educação a seu illustre filho. Pela posição de seus paes, Walter Scott achou-se muito cedo em relações com as primeiras notabilidades scientificas da capital da Escocia.

A má saude do nobre poeta, em parte filha de uma constituição fraca, em parte produzida por um accidente a que tinha dado logar o desleixo de uma criada, e que o tornara coxo do pé direito, foi causa de seus paes se resolverem a mandal-o passar uma grande parte da infancia na casa de seu avô paterno em Roxburghshire, casa situada nas proximidades do Toover, n'um logar rico de tradições poeticas, e de legendas populares. Mais tarde Scott descreveu no «*Marmion*» este delicioso paiz.

Foi nesta residencia que a sua constituição fisica se robusteceu, que o seu espirito se apaixonou pelas baladas e contos populares, e se instruiu nos costumes e existencia intima do povo de Escocia, de que mais tarde elle fez tão bellas e romanescas pinturas.

A sua instrucção caminhava lentamente: só tarde entrou na escola, e ahí o seu talento não se manifestou de modo algum, antes pelo contrario, elle parecia pouco habil para os exercicios intellectuaes.

Em 1783 Walter Scott entrou na universidade, mas ahí tambem a sua instrucção caminhou irregular, e sem grande aproveitamento.

Sendo atacado de uma afecção n'um vaso sanguineo, foi obrigado a conservar-se por muitas semanas na immobildade, sem fallar, nem poder fazer outro exercicio a não ser o da leitura. Havia nessa epoca em Edimburgo uma livraria pertencente a um gabinete de leitura, e composta pela maior parte de

romances, e obras de imaginação; Walter Scott devorou-a com avidéz. A historia desta instrucção vaga e desordenada fel-a o romancista no seu romance de *Waverley*.

Restabelecido apenas desta grave enfermidade, dedicou-se ao estudo das leis, e aos 21 annos foi recebido advogado, depois dos exames do costume: porém, em vez de se occupar das suas novas funcções, parece que Walter Scott se entregava mais ao estudo dos outros ramos dos conhecimentos humanos.

Aos 25 annos ainda este illustre auctor não tinha dado indicio algum que fizesse suspeitar a intensidade e variedade do seu talento. A leitura dos poetas alemães foi quem primeiro lhe acordou a imaginação, e o levou a traduzir algumas das baladas de Burger, entre outras a «*Leonor*» que teve grande acceitação em toda a Inglaterra. Em 1799 deu á luz tambem uma traducção do «*Goetz de Berlichingen*» de Goethe.

Só depois dos 32 annos é que Sir Walter publicou debaixo do titulo de «*Border Minstrelsy*» uma colleção de versos populares, colligidos depois de varias excursões pelas montanhas da Escocia. Esta colleção foi bem recebida, e deu principio á reputação litteraria do nobre romancista.

O «*Lay do ultimo Menestrel*» só viu a luz em 1805. A originalidade, graça, belleza poetica, e perfeição descriptiva desta obra produziu grande effeito no publico inglez.

Desde esta publicação a vida de Walter Scott é quasi que a historia das suas obras. «*Marmion*» appareceu em 1808: a «*Lady do Lago*» em 1810: em 1811 foi dado á luz «*Dom Rodrigo*»: em 1813 «*Rokeby*»: em 1814 «*O Lord das Ilhas, &c.*» Porém desde a publicação da «*Lady do Lago*» a popularidade de Walter Scott foi decahindo sempre: um rival terrivel lhe disputava a corôa de poeta; Byron tinha apparecida já, e captivava com a sua musa de fogo as atenções da sociedade ingleza.

O apparecimento do primeiro romance em proza «*Waverley*» em 1814 marca uma epoca na litteratura moderna. Porém o misterio com que foi feita esta publicação, ao mesmo tempo que irritou muito a curiosidade publica, tornou maior a gloria de Scott.

Os romances succederam-se com rapidez, e a fama do auctor de *Waverley* tornou-se Europea. O nome porém de Sir Walter só foi pronunciado e conhecido como sendo o do auctor desses magnificos romances em 1827 depois da quebra da casa de *Constable*, que tinha sido o seu editor.

Com a quebra desta casa, Scott perdeu uma enorme somma; e desde então, obrigado a trabalhar para satisfazer as suas dividas, o illustre romancista começou a perder o vigor, e a ser consumido pelos cuidados, até que em 1832 expirou na sua bella casa de *Abbotsfort*.

Os escócezes alevantaram um monumento á sua me-

moria, na cidade de Edinburgo; e é esse monumento que faz hoje o objecto da nossa estampa.

E' assim que nos povos civilisados se sabe perpetuar a gloria dos homens illustres, que honraram a sua patria.

VIAGEM NO MEXICO.

LA HACIENDA DE LA NORIA.

Imitação.

Estamos no deserto, no seio das solidões septentrionaes do Mexico. A natureza que se nos representa ali é tão robusta e virgem como são asperos os costumes, e para nós em tudo raras as scenas daquele mundo, que a audacia do navegador descortinou, e no seu orgulho a antiga Europa chamou novo. Jaz tudo em silencio no ermo; escuta-se apenas o pizar lento do corcel, que a espora estimula em vão. O azul do céu é empanado por véu tenuissimo de vapores que fumegam da terra, e sobem invisiveis. O espaço desenrola-se; a distancia cresce sem limites; quem será o cavalleiro, que leva a fronte reclinada sobre o peito, curvando-a ao dardejar de fogo deste sol? Como lhe descahem os membros lassos; como lhe esquece a redea na mão frouxa; como se lhe retrata no rosto a fadiga e a amargura! A sede requeima a bocca; o ar, que respira, incendeia —; e na calada profunda o murmuro surdo da aragem ramalhando nas folhas engana-o com a mentirosa esperança de apetecidas fontes. Debalde! Só aridez e silencio reinam aqui.

Esse homem, que sente pular-lhe nas veias a sezaõ da febre, e relampejar-lhe na vista como em iris todas as côres da agonia, é Gabriel Ferry, um francez que tinha jurado devassar os segredos do deserto, e já tarde se arrepende de haver ousado tanto.

E o tempo mal lhe permite até o arrepender-se. Passaram-lhe pelos olhos tres clarões, veiu-lhe um frio de gello ao coração, sentiu-se cahir da sella, e depois de cahido ficou na suprema apathia que segue as grandes dores do corpo ou do espirito.

Quantas horas o subjugou o turper assim? Nem elle sabe; lembra-se apenas de que os seus ouvidos escutaram o tinir do aço da espada contra a espora; que este de muito longe chegou a ser tanto ao perto, que os seus olhos amortecidos se abriram, olharam, e viram um cavalleiro voar como o raio, o corcel parar d'um impeto, e um braço estender-se para elle. Ao mesmo tempo a voz cheia do recém-chegado interrogava com imperio:

— «O que fazeis aqui?»

— «Morro de sede.»

— «De sede, por Deus, não morrereis.»

Pendia-lhe do arçõo um odre cheio. A agua, refrescando a ancia em que ardia o viajante, reanimou-lhe as forças. Poz-se em pé.

— «Para onde ides?»

— «Para o Presidio de Tubaco.»

— «A Tubaco?... Mas viraes-lhe as costas!...»

— «Estou perdido então. No deserto quem pára não volta.»

— «Nem sempre — atalhou o outro sorrindo. —»

Ouvi-me bem. Já não achaeis agazalho hoje senão na Fazenda da Nora. Chegareis ao sol posto. Não posso ir comvosco lá, mas passarei perto: segui sempre o rasto deste laço; elle vos ensinará o caminho...»

E dizendo isto o cavalleiro desenrolava a longa correia de couro trançado, e rasgava o gallope deixando apoz si o leve sulco do laço na areia.

Gabriel Ferry fez então um esforço e tornou a cavalgar. Era ainda intenso o calôr. Lufadas de vento, ardente como lava — halito mirrador com que a solidão cresta a vida em tudo — vinham bater-lhe no rosto, e exacerbando-lhe o martyrio incomportavel da sede, passavam depois á flôr da terra soluçando um gemido surdo pelo espaço. No horisonte, na aresta dos bosques cerrados, recortava-se o disco purpureo do sol, affogado em lago de chammás côr de sangue. A arcia servia, a lingua queimada empolava-se, e as fauces estringiam-se abrazadas. Pela segunda vez ia ceder á angustia... De repente, ao sahir do bosque, como por encanto surgiu ante elle uma paisagem maravilhosa, um espectáculo, que pela sua inesperada grandeza o subjugou.

Plainos immensos desatam-se a perder de vista e luxuriantes e vistosos resplandecem com os tapetes de finas relvas rotos aqui e além nos trilhos calcados por homens e gados. As arvores gomeiras sem conto, torciam os ramos pobres de folha, e enterlaçando-se todas pela cópa formavam um toldo que servia d'abrigo aos campos. A viração amena e refrigerante, ciciando, dava novo sabor ás delicias do oazis. No meio das crvas mais frescas, e á sombra de freixos bellissimos a nora gemendo espadana para finas cavadas em troncos gigantes uma limpha pura, que scintila com os raios do sol poente. Milhares de animaes, de todas as raças, bebem e nunca as exgotam. Adiante, mais longe, enrola-se a poeira dourada debaixo do gallope selvagem das manadas de cavallos, que fogem, pullam, e giram com as crinas dadas ao vento, com os olhos todos em fogo.

Depois de ter apagado junto do poço a sede que o devora, Ferry dirigiu-se á entrada da fazenda. Na direita e na esquerda da entrada, em dois grandes cerrados, eram os touris. Um estava deserto; do outro subiam aos ares rollos de pó enovelado, e mugidos surdos. Quiz saber o que era; aproximou-se; e por entre o cerrado viu um touro debater-se e cahir sujeito ao laço; um homem saltar-lhe no dorso; affiar-lhe as pontas das armas com o punhal; e correr-lhe

por ellas uma esponja imbebida em certo liquido. Dahi o homem de um pullo galgou o cerrado para fóra; e o touro fremente erguendo-se, tres vezes com a fronte sacudiu os muros do seu carcere.

Quando chegou ao pateo das casas achou-o solitario, e ao pé do alpendre á entrada não via gente. Estava meia encostada a porta; — dentro ouvia-se o tom monotonico de oração a que respondiam em côro muitas vozes. Era um Sabbado, e os moradores da fazenda, á antiga moda castelhana, rezavam o roziario em familia. Ferry apeou-se, prendeu o cavallo a um pillar, e foi direito á sala.

Lá estavam em grande roda os amos e os criados ajoelhados todos juntos com a maior devoção. A voz pausada, que se ouvia, era a do reverendo capellão da quinta. Um homem de perto de cincoenta annos, que mostrava ser o dono da casa vendo entrar o hospede cumprimentou-o com uma cortezia, e sem se interromper continuou a oração. Os mais ficaram como estavam. Gabriel Ferry ajoelhou-se, e com um timido lançar d'olhos procurou estudar então a companhia, á qual a sorte o viera aggregar.

A sala em quadro, espaçosa e alta, tinha paredes branqueadas a cal, e assarapantadas de arabescos que denunciavam a imaginação selvagem e o pincel barbaro de um artista nômade. As vigas do tecto eram troncos de palmeira esquadrados e polidos com esmero. A frouxa luz da candeia, unica que havia, deixava em meia sombra as phisionomias asperas e os rostos bronzeados destes homens temerarios que não receiam viver mesmo na raia das fronteiras indianas. Mais adiante duas mulheres, com as faces cubertas de rebuços azues e brancos que lhes desciam até á cintura, tinham fitos no padre os olhos pretos e bem rasgados como são os de todas as Mexicanas. Dentro em pouco a oração acabou-se, levantaram-se todos, poz-se a meza, e em lugar do chocolate de uso, a ceia foi regalada de quantos acepipes podia inventar a gula, bastante rude com tudo, do opulento senhor daquelle dominio.

Entre os commensaes avultava um que aos olhos do viajante se distinguia dos outros. Chamava-se Benito. D. Ramon, o dono da fazenda, tratava-o com mais um pouco de attenção que aos mais. De feito tinha estampada no rosto a ousadia e a intrepidez. Era o perfeito typo dos vaqueiros, dos homens das solidões do Mexico, cujo delcete é a lueta corpo a corpo com a braveza das feras, cujo repouso está na carreira que devora a distancia; homens que prezam o perigo pelo gosto de o affrontar; e como os centauros, a cavallo, não conhecem espaço que os assuste ou corcel que lhes resista.

E boa occasião de os admirar se offerecia ao hospede. Esta ceia esplendida festejava a vespóra da grande funcção rural: — no seguinte dia faziam-se os *herraderos* ou *ferras* daquelle anno. D. Ramon depois de convidar o viajante para assistir, despediu-se delle com

uma cortezia, e em breve a sala ficou silenciosa e deserta.

Mal rompia a manhã achavam-se reunidos na sala, onde tinham ceado D. Ramon, sua filha Maria Antonia, o capellão, e o seu hospede Gabriel Ferry. Só então foi dado a este ultimo admirar a belleza viril que na vespóra apenas adivinhava. Agora o rebuço, que lhe escondera as feições, pregado com elegancia, descachia sobre os hombros. A camiza finissima bordada, de mangas curtas, por entre as pregas do rebuço, palpitava transparente sobre o seio. A saia de seda, que o cinto de crepe escarlate da China tomava em dobras caprichosas, deseuhava a gentileza das fórmulas, sem a revelar toda; o pé breve arqueava-se com graça e parecia feito para se deslizar sobre ricos e molles tapetes. Com os dedos afilados e alvos sacudia os cordões de ouro do chapé serrano; a outra mão sustinha a vara delgada com seu cabo de marfim lavrado. Era claro que se ia montar a cavallo.

Com effeito dahi a nada, depois do chocolate, cavalgaram todos e partiram a esperar a *recogida*. Ladeando o muro da quinta tomaram para a entrada dos bosques que se estendiam a distancia. Por alli é que devia sahir o gado.

Uma cortina de vapores toucava a copa das arvores; tudo jazia em profundo silencio e escuridade. Subitamente agudos relinchos e mugidos cortam a mudez do campo; um ruido surdo soa de longe, avizinha-se, e a terra parece tremer. Os vaqueiros rompem então com impeto por todas as sendas do bosque. Atraz dos vaqueiros, em mós cerradas, precipitavam-se com estrondo de trovão manadas e manadas, que fugiam, e pullavam espavoridas diante de outros cavalleiros, que voavam sacudindo no ar os longos laços. Dentro em pouco chegaram aos touris, as portas fecharam-se, e o bulcão retroava com bramidos tremendos, com encontros medonhos, que abalam o chão, e dispertam todos os eccos. Finalmente acalmou-se a tempestade, e começou o *herradero*, a *ferra*.

Não sei se o acaso só foi o culpado; mas é certo que Maria Antonia e Benito se achavam ao lado um do outro. Elle vinha repousar um instante; ella olhava-o e corava. A phisionomia do mancebo respirava o mais indomito valor; unia-se nella a nobreza do sangue castelhano á firmeza selvagem do Indio, primeiro dominador do deserto. A tez morena, o cabello ondado, a estatura direita e flexivel provavam que a força e a agilidade repartiam com elle de todas as suas prendas. A donzella estremeceu do olhar que a fitou, e o rebuço puxado á pressa para o rosto escondeu castamente as rozas que lhe tingiram as faces, e os hombros e o seio, em que as tranças brincavam soltas. Era um idillio, um dialogo mudo entre a paixão viril do homem aspero e fero como as selvas nataes, e a Amazona intrepida que de mulher só mostrava querer o pudor e a belleza!

A ferra foi como todas costumam ser. Seguiu-se depois a lucta entre o cavallo livre como o deserto que pisa, e o centauro que o toma rebelde, e o restitue escravo. Muitas scenas admiraveis deste circo arancaram ao viajante mais de uma exclamação de pasmo. Em um dos intervallos Ferry perguntou a D. Ramon se não havia ás vezes algum desastre no meio de taes exercicios equestres.

— « Oh, redarguiu o senhor, é certo, acontecem. Ahi tenho eu o Indemoninhado. Vejam lá se os vaqueiros o trouxeram ao *herradero*.

Os vaqueiros desculpavam-se dizendo que não o tinham achado, em quanto Gabriel Ferry perguntava o que era o *Indemoninhado*.

— « E' um cavallo que só foi montado duas vezes. Os meus vaqueiros não se arriscam a montal-o mais. »

— « E porque? »

— « Porque o primeiro que o montou ficou espedaçado; e ao segundo esmigalhou a cabeça naquella arvore, alli defronte. »

— « Porque não matam um animal assim? »

— « Ora! São cousas de familia. Os meus cavallos e os meus vaqueiros entendem-se. Podem matar-se e ferir-se á sua vontade, que eu nisso não me metto. »

Grosseiras rizadas applaudiam a sublime imparcialidade do amo, quando a presença de um homem, puxando com grande exorço um cavallo converteu a alegria em terror e assombro. O homem era o mordomo, chamado *Caetano*; o cavallo era o *Indemoninhado*. O Mordomo olhou para Maria Antonia e se o ciume podesse matar de uma só vista, aquelles olhos matavam-na. Depois fitou Benito e o jubilo feroz que lhe transluzia no rosto fez impalidecer o mancebo. Não se carecia de notavel penetração para conhecer, que dois rivaes estavam alli, e que um delles não cabia na terra em que vivia a mulher amada d'ambos.

Um laço de correr apertava o beijo superior do *Indemoninhado*; a dôr sujeitando-o forçavo-o a ceder; mas o beijo inchado attestava ao mesmo tempo que soubera resistir. Era alazão queimado, com os mais evidentes signaes de um character vicioso. Nos olhos, meios cubertos pelos molhos de crinas que trazia soltas na fronte ardia um fulgor turvo. As orelhas eram fittas para diante. Os cascos duros e agudos davam um som metalico batendo nas pedras de cada vez que elle se atirava contra o Mordomo, e que este o repellia com o látego chumbado. O aspecto do cavallo era mais horrido ainda, que o do seu guia.

— « Por honra desta casa — gritou o Mordomo, irá ainda este cavallo para a manada dizer que nos metteu medo a todos? »

D. Ramon, levantando-se com certa impaciencia exclamou — « Não ha entre os vaqueiros um que se atreva a montar o *Indemoninhado*? »

Ninguém respondia, porque ninguém ousava tentar o impossivel. *Caetano* então indicando o mancebo proseguiu:

— « Senhor D. Ramon, aqui está quem não ha de ter medo de montar o *Indemoninhado* na sua presença. »

Mettia susto o sorriso, a ferocidade que illuminava o rosto do Mordomo. Benito Goia pagou-lhe com outro igual, e adiantando-se com firmeza:

— « Se é necessario para honra vossa que eu morra... estou prompto... vou morrer. »

A falla parecia dirigir-se a D. Ramon; porém os olhos disseram-na a Maria Antonia, que se fizera da côr do jaspe. O senhor hesitava entre a supplica que lia na mudez angustiosa da filha, e as exigencias do seu orgulho:

— « Não te posso obrigar a ir... mas se queres tenta a aventura. »

— « Pois bem vou montar o *Indemoninhado*. »

— « Se tens medo, monto eu. » disse *Caetano*.

— « A cada um de nós o seu papel. Tu meterás no touro que nos deu D. Ramon a primeira farpa. »

— « E darei até a ultima cutilada, se quizerem » redarguiu *Caetano* com uma risada rouca.

Começaram entre tanto a sellar o *Indemoninhado*. Passaram-lhe um laço pelo travadouro da perna esquerda apertando-lha com força de modo que o grosso ficasse sobre a barriga. A mão direita prenderam-lha de igual maneira: Benito lançou-lhe a sella que tremia com o dorso fremente do cavallo; arrojaram-lhe a cilha; e o vaqueiro assentou-se para affivelar as esporas. Maria Antonia neste momento supremo estava hirta como uma estatua; e branca, branca como a alva tela que vestia. Só os olhos pretos pasmados e abertos mais que o natural tinham a luz sinistra que dá a grande agonia ou o delirio de febre. O proprio D. Ramon parecia aterrado e arrependido.

Apenas Benito pôz as esporas, saltaram o cavallo dos pés, e ataram-lhe a venda de couro nos olhos. E apesar da corda, que lhe torcia o beijo, os saltos do *Indemoninhado* eram taes que se não podia montar. Foram obrigados a fazel-o ajoelhar, e dois vaqueiros mordendo cada um em sua orelha, conservam-no assim um instante. Benito saltou na sella.

— « Agora soltem-no! » bradou elle.

Recuaram os vaqueiros, em quanto o cavallo se erguia de um pullo, como salta a molla d' aço. Benito depois de se firmar na sella inclinou-se, e destapou-lhe os olhos. Então entre o animal e o homem travou-se uma lucta verdadeiramente admiravel. Espantado com o repentino clarão da luz que lhe deslumbrava os olhos sacudindo a crina emmaranhada que a raiva erriça, o fogoso corcel solta um relincho medonho e empulos desconformes, torcendo-se todo sobre os pés, vira a cabeça aos quatro pontos cardeaes, como para farejar o vento. O cavalleiro, na defensiva, firme a despeito dos movimentos impetuosos, segurava-se, e repellia com o estribo os dentes, que lhe vira ás pernas tentando espedaçar-lhas. Illudido na sua esperanza o *Indemoninhado* levantou então as mãos ao ar, enovelou-

se, e bramindo ao golpe das esporas nas verilhas, e empinando-se deixou-se cair para traz. Deram um grito todos os espectadores; mas o arção da sella ao tocar no chão batera um pancada surda. O cavalleiro, prevendo a queda, saltara de um pullo a terra.

Benito estava como louco de cholera. Era a primeira vez que fôra obrigado a perder a sella. Anciioso de se vingar da affronta o joelho comprimia os ilhaes do corcel, a espora rasgava-lhe a barriga; as mãos não largavam os cabeções senão para lhe magoar com o látigo todo o corpo. Nenhum dos dois levava ainda vantagem, e apoz a primeira lucta ambos ficaram immoveis por minutos. Os applausos rebentavam de toda a parte e para os merecer áquelles centauros o mancebo certo que tinha feito mais do que ao homem é dado fazer. Enthusiasmado pelos louvores e pela poesia do perigo Benito, aproveitando a tregua, arrancou da bota o seu punhal:

— «Matas o cavallo?» gritou D. Ramon.

Um raio de indignação fiseou dos olhos de Maria Antonia, e veio humilhar seu pai. D'ahi a donzella sorrindo com orgulho tocou-lhe no hombro no momento, em que o moço cavalleiro, por um acto de inenarravel temeridade, cortava os cabeções ao cavallo, e sem redea, sem guia, se entregava a todo o furor do seu indomavel contrario. Apenas livre da oppressão do *bosal* o corcel aspirou com força o ar agreste da selva, e sacudindo a fronte e as crinas douradas voou direito á arvore onde já esmigalhara uma victima. Tão impetuosa, tão despenhada ia a carreira, que todos julgavam que no encontro o cavallo se espedaçava a si e ao cavalleiro. Para este ninguem via salvação. Já a corrida tocava quasi o termo, já distavam só poucos passos da morte... quando por um movimento subitico, no instante em que o derradeiro gallão ia consumir a catastrophe, Benito tira o chapéu de largas abas, e passando-o entre a arvore e a vista do corcel obriga-o a recuar de salto para opposta direcção.

Então viu-se no espaço, que a carreira devora, o cavalleiro sem redea guiar á vontade o animal, que ora pulla a este, ora áquelle lado, segundo a sombra lhe bate nos olhos. Assim é que veio passar, fêrvido e espumando, diante do estrado de Maria Antonia — e a mão do mancebo posta sobre o coração tremia de orgulho e de jubilo, quando no rapido fuzilar d'um instante, com uma vista em que toda a alma se pintava a donzella lhe pagou o immenso amor de tamanho sacrificio. O Mordomo cortou com o seu olhar sombrio o inefavel deleite desta promessa sublime. Levando os dedos á cabeça Caetano trouxe com desesperação um punhado de cabellos em cada mão.

Depois, com o triumpho estampado no rosto Benito, soltas as madeixas ondados ao vento, com a graça masculina das feições bellas e severas, despediu o cavallo, arfando, pelas solidões do bosque. Alguns vaqueiros metteram a gallope para o alcançar, mas nenhum pôde acompanhar aquella carreira rapida e

tempestuosa como o balsão que foge na aza da tormenta.

Muitos juravam que o mancebo ia encontrar a morte onde a achará já outro cavalleiro, que salvo do golpe da arvore fôra espedaçar-se mais longe. Alguns negando, não ousavam com tudo prometter-lhe a victoria. De todos só Maria Antonia tinha fé e esperança — é que tambem só ella tinha amor.

Caetano, o Mordomo, estava mais sombrio do que nunca. As feições contrahidas, os olhos pregados no chão, o odio e o ciume escriptos no rosto, davam-lhe horrenda expressão á phisionomia. Um vaqueiro chegou-se a elle, entregou-lhe as farpas, e chamou-o para o touril, onde só uma fêra aguarda o inimigo. Depois de algumas sortes uma das garrochas cravou-se no pescoço do animal, mas partindo-se no impeto do choque, a ponta da arma do touro raspu de leve na coxa de Caetano. Este poz a mão no sitio ferido, enchugou duas gotas de sangue das calças brancas, e tremulo de raiva bradou por novas farpas. Só as trouxeram depois de alguns minutos e foi então que estranho terror pareceu apoderar-se delle. Para tamanha prostração não houve motivo, porque o sangue mesmo já não corria da ferida. Ainda tentou erguer machinalmente o braço e metter a farpa, porém não pode mais; o cavallo assustado empina-se, recua, e com assombro geral leva o cavalleiro, que o não sustem, para fôra da arena. Apupos e assobios puniram a fuga do toureador, que vacillava na sella como homem ebrio. A pallidez do seu rosto era a palidez da morte.

Neste momento, quem sabe, expiava Benito um instante de triumpho!

— «O que tem o Mordomo?» — perguntou D. Ramon ao capellão, que fôra chamado e voltava meia hora depois da fuga do Caetano. — «Quer outra corrida?»

— «As corridas do Mordomo acabaram, replicou o padre. As pontas do touro estavam invenenadas. Já morreu.»

— «Morreu! Quem o invenou?...»

— «Não se sabe... Disse que suspeitava que fosse... e não teve tempo de acabar. Muitos podião ser. Os seus inimigos erão mais que os amigos.»

— «Perdi hoje dois homens como não torno a ter outros. Caetano pelo veneno, Benito pelo cavallo.»

— «Oh, não! — exclamou Maria Antonia; Benito ha-de voltar.»

— «No dia de juizo.»

— «Agora... vede!»

E o dedo tremia na direcção do bosque. A agonia da donzella fôra atroz e muda como são as grandes dores. Todo aquelle tempo a vista nunca se retirou do horisonte; a mão distrahida e convulsa nunca deixou as flores, que elle lhe tinha dado. Em fim um suspiro, em que o coração desaffogou o immenso pezo que o opprimia, agitou-lhe o peito, e as faces tro-

caram pela roza a alvura do lyrio. Um raio de alegria ineffavel fez reviver a luz nos olhos pasmados, e o dedo estendido com ancia mostrava, lá ao longe no horizonte, um leve rolo de pó. E' que o amor advinhava, que d'alli vinha a vida e a esperança.

De feito, rapido como o raio desce do céu, o mancebo voltava ao sitio d'oude partira. Todos correram, recebendo-o entre duas alas. Bastava olhar para o Indemoninhado para vêr que, finalmente, estava sujeito. O arfar do corpo, os olhos tristes, e o pó e suor que lhe empastavão o pello provavam que o cavallo obedecia com terror ao cavalleiro. Este com o vestido roto, o rosto arranhado dos ramos, e o cabello desgrenhado trazia signaes de ter disputado bem rijamente a victoria. Quando o cavallo ia chegando ao estrado, Benito, deitou-se um pouco para traz, e deu um grito; o cavallo estacou. Bastava para o guiar a voz do seu vencedor! Rebutão em clamor então vivas e palmas entre os espectadores; e o mancebo com gentileza, digna de a invejar o mais fino cavalleiro, inclinou-se na sella diante de Maria Antonia, como para lhe depôr aos pés o seu triumpho. Novos brados o saudaram; e ella, com as faces accezas nas côres do orgulho e do jubilo, tremula de pudor e de affecto, atirou para o seu amante as flores, que espalhadas no ar, lhe cahiram sobre o peito e pelo rosto. Aquelle cavalleiro tão forte, tão animoso ha pouco, ao tocar das folhas mimosas vacillou, empallideceu, e não soube senão balbuciar um nome. D. Ramon tambem se ergueu sem dizer palavra, pegou depois no braço de sua filha, e sorrindo para Benito retirou-se.

Dois dias depois havia festa na Quinta da Nora, e Gabriel Terry era convidado a servir de testemunha no casamento de Maria Antonia com Benito Goia. Como os antigos cavalleiros o mancebo tinha vencido uma empreza quasi impossivel, e conquistado a prezo da vida o premio do seu amor.

L. A. Rebello da Silva.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XI.

Só o coração não morre!

(Continuado do n.º 11.)

— « Não, atalhou Martim Paes; hãe ser os de Cima-Cavado; é d'elles o toque de trompas á mourisca. Vamos vêr. »

O monge e os dois cavalleiros subiram ao eirado.

A cavalgada tinha chegado a um cabeço, d'onde era facil aos do alcaçar contar os homens e conhecer os individuos; d'ahi o caminho, rodeando os montes, torcia-se até a barbacã. No centro do esquadrão tremulavam pendões, quarteando-se as côres dos ricos-homens.

O frade voltou a cabeça com tristeza. Pelo contrario a vista do cavalleiro de Lanhoso tinha um brilho estranho ao cravar-se em D. Nuno.

— « São elles? exclamaram ambos a um tempo. São elles. D. Nuno, vêde D. Froylas. Que airoso que vem o bom velho no seu cavallo fouveiro?! »

— « São setenta annos de idade para envergonhar os trinta e os vinte! »

— « Bom aço não parte » atalhou o monge.

— « Se os cavalleiros moços tivessem metade... »

— « Os cavalleiros moços!... disse D. Nuno, rindo, são para dançar na côrte, á roda das damas, como borboletas; os velhos é que pelejam! Com o ultimo d'elles adeus Portugal. »

— « Não, ainda ha cavalleiros moços, D. Nuno; acudiu Martim Paes. Olhai, aquelle que D. Froylas traz á esquerda... »

— « Não é Tructezindo Ramires? » perguntou o frade, resguardando a vista com a mão curta.

— « É. Com vinte annos (não os terá ainda completos) o moço Ramires é a melhor lança de Lima e Cima-Cavado. »

D. Nuno fez que não ouvia; e apartando-se desceu á sala d'armas para gritar do balcão:

— « Ergam o rastilho! abaixo a levadiça! honra aos ricos-homens de Lima e Cavado! »

Em quanto gritava, o monge, pondo a mão no hombro de Martim Paes, dizia:

— « Este homem é máu e covarde, Martim Paes! »

O cavalleiro de Lanhoso não respondeu. O frade acrescentou:

— « Ouve-me agora: — Pelo sancto nome de Deus, pela alma de teu pai, pelo amor de tua irmã... não faças tal! »

— « Pareces parente de Gomes Lourenço, padre! »

— « No amor sou teu pai, mancebo. »

— « E fallaes de perdão?!... »

— « Fallo, porque acima da affronta está a fé, a honra de cavalleiro. Teu pai, se fosse vivo, gritava: Martim Paes, é despique de mulher... Vê o mundo que dirá: O senhor de Lanhoso, olhem, como se não achou com valor para morrer de uma lançada, fez-se carrasco! Queres que digam isto de ti, mancebo? »

— « Frade, não me tentes! exclamou o cavalleiro cerrando o punho com raiva. Não peças impossiveis. »

— « Quem t'os pede. Digo-te o que ha de succeder. O nome de « Ribeira » fica deshonorado, por ti, o filho d'aquelle pae. A affronta do teu nome será a maior com que se possa injuriar alguém. »

— « Que te não ouça outra vez isso, padre! »

— « Ameaças a mim, cavalleiro?! »

— « Deixa-te de vaidades, nono. Que fallas ahí de brios, tu!?. Deixa isso a quem póde com uma haste como essas que estão pelos lanceiros. »

Nos olhos do monge relampejou o fulgor de severa indignação.

— « E foi para isto que eu te criei! A quem acabou para o mundo chamas covarde... e não te envergonhas de pisar os mortos, homem de orgulho e de soberba? Aonde estão os Cides hoje, mancebo? »

Envergonhado da reprehensão D. Martim não respondeu. Fr. Munio proseguiu:

— « No meu tempo os cavalleiros, no Andaluz, feriam tres contra doze, e não viravam rosto... havia muitos; chamava-se um D. Sancho, infante de Portugal. O segundo era Lourenço Viegas — o espadeiro! — e o outro, o terceiro... rezemos-lhe por alma! esse morreu para o mundo!... As lanças que vergam o braço aos cavalleiros d'agora eram cannas de torneio para nós. »

E pegando na mais grossa meneou-a ligeira como um vime. D'ahi retrahindo o corpo despediu-a de arremesso contra um escudo, em que vibrando se enterrou duas pollegadas.

A côr do pejo assomou ás faces do rico homem de Lanhoso, que não levantava a vista do chão. Seguiu-se longa pausa.

— « Este braço, D. Martim, assim mesmo velho ainda jogava duas lançadas... aos mouros. »

Dizendo isto o frade sorria-se com brandura, mas o cavalleiro não o ouvia. Com os beiços brancos e tremulos, e o semblante torvo media o eirado a passos largos. Lá dentro ia uma tempestade medonha.

E o monge, pouzando-lhe a mão no hombro para o deter, dizia em tom insinuante: — « Vamos, é ser homem! » quando de uma barca pequena, navegada alli perto no esteiro, entoaram estes versos de uma cantiga conhecida.

São frescas noites de junho
Noites de meigo luar;
Estão a arder-me no peito
Amores que fui queimar.

À medida que a voz cantava, a mão do frade escoregendo confrangida apertava-se contra o peito; e no rosto sempre tão sereno passou a sombra d'uma saudade, ou correu uma nuvem de pezar. — A cantiga continuou mais distante já:

Fonte moura, fonte d'ouro,
Bem chamada de Atamhar,
Por que sendo d'agoas doces,
Como pranto has-de amargar?

A voz do rio perdeu-se ao longe; mas do outeiro proximo o pastor respondeu caminhando para o valle:

Minhas galas são as armas,
Meu descanço o pelejar;
E no São João á noite
Meu dormir só é velar!

Em quanto uma nota suspirou nos echos, Fr. Munio debruçado parecia beber a toada da melopea popular com o ar da respiração. Uma das mãos no peito como que sustinha o coração — a outra na fronte, sobre os olhos, queria dizer á memoria e ao pensamento: « Fugi! » Tinha a vista pasmada e extatica; os beiços entr'abertos, e as feições na dolorosa suspensão da mágoa e da saudade. Escutava com toda a alma; o corpo nem sabia que existia.

Depois que os ultimos sons expiraram, conservou-se assim minutos. A vida intensa do espirito, solta dos sentidos, voava livre pelas illusões do sentimento. A pouco e pouco a realidade apagou a visão; e tornando á existencia positiva os olhos arrazaram-se d'agoa. Os suspiros e soluços queriam romper, e sufocavam-se na garganta. Que infinito padecer não accumulou aquelle só momento? Por fim não os poudes conter, dois rios de lagrimas rebentaram pelas faces do infeliz.

D. Martim contemplava-o admirado da repentina mudança. Minutos antes via no seu rosto a serenidade do céu; que versos eram pois aquelles que desafiavam tristeza ou remorso?! Que mysterio encerrava a canção do rio? O cavalleiro sabia vagamente que uma desgraça, das que são incuraveis, tinha mettido nas austeridades do claustro um homem que na robustez da idade e na sêde da gloria, ainda se queixava de ser estreita para elle a terra do seu berço. Como o tinha prostrado a desventura, arquejante sob o joelho? por que serie d'agonias, fugindo do arruido dos arraiaes e da morte breve do soldado buscára o abrigo do ermo? Mysterio era este que o senhor de Lanhoso ignorava como toda a gente. Quando pela primeira vez conhecêra o monge de Cister contava doze annos, e já com as neves do inverno na fronte, o esparto cingido ao corpo, e o rizo da paz na bocca.

Os prantos que ardem nas palpebras dos velhos desatam-se agros e sombrios como tempestade que são. Quando virdes as lagrimas, a uma e uma, borbulharem nos seus olhos, inclinae-vos, é a dôr em toda a grandeza da sua elevação; inclinae-vos! Naquelle seio as fontes do pranto, para manarem depois de secas, rebentaram d'uma chaga, das que mattam em poucas horas! — A infancia chora juncto dos amores e das rozas; a velhice quasi sempre rega com as lagrimas o sepulchro, aonde jazem os affectos que a consolavam do martyrio de viver.

Pobre monge á força de enganar as saudades, chegas a enganar-te a ti. Julgáste que as paixões se extinguiriam? Vê! bastou uma dellas, bastou a sua voz apenas, e acordaram todas, e morderam-te na alma mais incisivas do que nunca. É que só dormiam.

O teu coração, macerado com os cilícios e jejuns, sangrado dos espinhos, como o escravo, aprendeu a amar mais a liberdade. Despegal-o da carne, e convertel-o em vaso purificado, para arder com o incenso da penitencia era victoria de anjos; as forças do homem não podiam tanto. Veio o chamar do mundo, e o captivo semelhante ao corcel da Numidia foi buscar os sitios da primeira vida. Monge, o teu coração de esposo e de soldado não cabe na estreita cella do mosteiro.

Fugiu-te! procura-o nas ruinas do mundo, aonde sonhou a gloria, provou da gloria, e enterrou a ventura, — mundo destruido, de que só tu ficaste larva errante para no vago seismar da noite e das saudades te consolares; porque a noite, como a alma gemedora do poeta, é um mysterio insondavel... pobre monge! Os prantos não aquecem cinzas frias; aos affectos mortos as lagrimas não os reverdecem; o calor dos suspiros não abre os olhos, nem anima o peito que seccou a aridez do sepulchro. A tua mortalha arqueja com o soluçar do remorso, mas o sudario, sobre aquelles ossos, não se levanta mais, porque peza toda a eternidade!

E que erguesse... os teus votos esmagam-te o coração. Quizeste morrer em vida, e os mortos não teem vontade, nem esperanza, nem memoria! Choras?! As lagrimas são o alivio do que vive; nas tuas faces porém queimam com todo o ardor do crime. Amas?! Monge, o amor do solitario é um sacrilegio, quando se não entrega só a Deus.

Assim, do fundo d'alma clamava a consciencia de Fr. Munio. Era amargosa a reprehensão; mas o remedio que doe quasi sempre cura. Limpando os olhos com as costas da mão o frade disse virando-se para Martim Paes:

— «A carne chorou, mas o espirito está alegre... resignado!»

— «Esta cantiga?!...»

— «Lembrou-me duas horas de felicidade que houve na minha vida. Que de cousas veio recordar!»

— «Amores?...»

— «E que amores?! fóram do céu e por isso Deus os levou tão cedo. Vespera de S. João cantou-se esta cantiga: a bocca a quem a ouvi não torna a abrir-se. Estavam alli uns olhos!... já os comeu a terra.»

— «Morreu?»

— «Mataram-na!» respondeu o frade pallido como cera.

— «Ah!... E vós?...»

— «Eu!? não mo perguntes. Este habito não cobre um innocente.

— «E resignaste-vos!...»

— «Altos juizos de Deus!»

Cruzou as mãos no peito. O cavalleiro não insistiu em o interrogar, porque viu que seria inutil.

— «Martim Paes, proseguiu o monge com vehemencia, pela hostia sagrada não mates Gomes Lou-

renço. Esta cantiga ainda a não ouvi senão quando está para vir desgraça grande!»

— «Agouros, padre?»

— «Avisos, filho. Deus falla por todas as boccas.» Sem responder, o mancebo apertava-lhe a mão com força.

— «Promettes?»

— «E' tarde, não posso.»

— «Ainda agora viste se padeço; pelo amor de tua mãe arreda de ti o meu destino... Castiguo-o Deus!»

— «E' juiz que mora tão longe, padre!»

— «E ha-de vêr de lá mesmo, filho.»

— «Então que veja se eu sei vingar-me.»

E sem querer ouvir mais nada, desceu a escada e foi receber os ricos-homens de Lima e Cavado. O frade em vez de o acompanhar entrou na ermida. Ahi ao relampejar do céu ajoelhou de mãos erguidas em fervorosa oração. Instantes depois o ruido das vozes e o tinir das armas na sala por cima annunciaram-lhe a chegada dos parentes de Lanhoso.

Já de noite o monge, ainda de brucos na lagem, sentiu tropeada e relinchos de corceis. Ouviu perguntar de fóra, e D. Nuno responder de dentro. Depois rangeram os alçapões nas cadeias, e cahiram de paucada nos apoios de pedra da ponte.

— «E ninguem te dirá, Gomes Lourenço, exclamou elle, que as portas deste castello como as da eternidade não se abrem mais? Senhor! Senhor! Que a tua vontade seja feita! E levantou-se sem accrescentar mais nada.

CAPITULO XII.

Amor e traição.

A providencia não quiz exaltar a oração do monge; á mesma hora em que elle deprecava ao céu, entrava Gomes Lourenço as portas do castello.

Atravessando a barbacã viu muitos homens d'armas, vestidos de saios com as côres de Lima e Cima-Cavado; nenhum porém se voltou para os hospedes que chegavam. Apenas transpoz o fosso sentiu suspender a levadiça, e, assim que passou pela volta-baixa do portal, ouviu gemer as trancas de ferro a entalarem-se nos ferrolhos. O moço alferes não disse nada, mas desde logo suspeitou que fóra atraído.

No pateo interior apeou-se com D. Maria Paes. O alcaçar novo erguia-se á direita; a torre de Cain, do outro lado, cingia de altas ameias o vulto negro da ermida. Pelas janellas da sala d'armas transpirava rumor de vozes altercando, e entre ellas cuidou distinguir a de Martim Paes.

Dois cavalleiriços, com archotes, iam adiante mostrando o caminho. As frestas d'arco-agudo da capella, rasgadas sobre o terreiro, transverberavam o claro buço do lampadario suspenso lá dentro para velar

as horas da noite junto da louza dos guerreiros. Gomes Lourenço sabia que n'uma daquellas sepulturas repousava o corpo de seu pae, se póde ter descaído o cadaver que a terra inimiga come. O remorso murmurava-lhe ao ouvido, que a luz que se embaciava nas vidraças era o brilho acceso nos olhos que a morte um momento deixara abrir ao soldado de Sancho I, para de pé no tumulto vêr o filho que vendia ao amor de uma mulher a vingança do seu sangue.

— « Oh! meu pae! » soluçou o cavalleiro de Salzedas correndo os dedos pela fronte. E virando-se para D. Maria acrescentou:

— « Se aquelle que além dorme podesse acordar? »

— « Tornava a adormecer! » respondeu ella sorrindo.

Gomes Lourenço emmudeceu. Em vez de o consolar do sacrificio, a dama de Lanhoso pagava-lho com escarneo. O sorriso e o tom em que proferiu estas palavras, as unicas que lhe dava desde a sua entrada no castello, desenganavam cruelmente o mancebo das illusões com que o tinha attrahido. Neste minuto amargou o doloroso desengano que bem tarde lhe chegava. Não as pode conter — duas lagrimas, que a dôr espremeu do coração, e a cholera ou o desprezo enxugaram logo.

Foi a ultima fraqueza!

Silencioso offereceu-lhe a mão no primeiro degráu. Ella recusou-a. Calados, e um ao pé do outro, fôram subindo devagar.

Ena sala d'armas para onde se encaminhavam crescia o estrondo da altercação, e, cada vez mais altas, soavam fallas tremulas de raiva. De uma parte contendiam D. Froylas e Tructezindo Ramires; da outra pelejavam para os convencer, D. Nuno e Martim Paes.

— « Por Santiago! é um feito vil! » gritava o idoso cavalleiro de Cima-Cavado.

— « É traição! » repetia o cavalleiro moço de Lindoso, olhando para D. Nuno de revez.

— « Traição em que? » replicava D. Nuno.

— « Sempre ouvi dizer, atalhou D. Martim, que inimigo vivo é punhalada certa. »

— « Sentencial-o pelo foro velho de Castella não será fazer justiça segundo costume de ricos-homens? Onde está a vileza? »

— « Em trazer um cavalleiro enganado, para o matar pelas costas como um traidor! . . . retrucou com aspereza o velho Froylas. D. Nuno, Martim Paes, como vos atrevestes a contar comigo? Em setenta annos de vida acaso mereci eu isto!? »

— « Elles que o matem! » bradava Tructezindo Ramires.

— « Parentes do solar de Lanhoso negam-nos vingança d'uma affronta?! » acudiu D. Nuno.

— « Não se nega. Por Christo e Santiago! lança em punho sustentarei o seu direito de cavalleiro, mas não . . . »

— « Á lei de algoz, ias dizer! . . . » atalhou com ar de motejo Martim Paes.

— « Adivinhaste! » acudiu Tructezindo com desdem.

— « Obrigado, cavalleiro de Lanhoso! Para se des-aggravar, Martim Paes sempre havia de achar um Ribeiro contra um Viegas. Não chegou a estado, louvado Deus, de carecer que lhe emprestes a tua espada para castigar uma injuria. »

— « Mofas a mim, D. cavalleiro? »

— « Pago como devo. »

— « Oh! retrucou o mancebo afogueado de ira; primeiro vai aprender a honra e a lealdade, e depois volta, se tens ensino. . . Quando o carrasco graceja, faz-se-lhe o mesmo que ao truão — açouta-se na cara! »

D. Martim, arrancando do punhal, deu dois passos para elle com um rugido de tigre. Tructezindo Ramires cruzou os braços, e poz-se a rir de escarneo.

— « Não te chegues a mim, ou, por alma de meu pai, esmago-te, vespa venenosa, » gritou cerrando o guante ferrado.

D. Nuno e D. Froylas, e alguns mais interpozeram-se para os aquietar.

— « O seu coração está com o inimigo da minha casa, » exclamava amargamente Martim Paes.

— « Cem annos que vivas, replicava Tructezindo, não valem uma hora de Gomes Lourenço. »

— « Mentos! »

— « Eu te vou dizer se minto. Espera! »

— « Aquietai-vos, mancebos! » gritou D. Froylas com auctoridade. D'ahi, olhando fito para Martim Paes, perguntou:

— « Gomes Lourenço roubou tua irmã? »

— « Em Avellans. »

— « Defendeste-a? »

— « Em quanto pude. »

— « E fostes vencido! »

— « O pé faltou-me, a espada partiu-se. »

— « E que pedes tu de nós? »

— « Justiça contra Gomes Lourenço, por foro dos ricos-homens de Castella. » (Continua).

L. A. Rebello. da Silva.

POESIA.

OS BEIJOS.

Mucho demandas!
Poco pedi;
Quieres un beso?
Dame-lo si;
Pero tus labios
Clavem-se en mi
E hasta la muerte
Nos halle asi!

MARTINEZ DE LA ROSA.

Dos beijos que por'hi vão
Perdidos, . . . que nem eu sei;
Nem se quer um beijo só
Dos que se perdem, achei!

E mais não é por descuido,
Nem por faltar-me o desejo,
Que eu não sei dizer ainda
O gosto que tem um beijo.

Pedil-os... não querem dar-me,
Furtal-os... não sei a quem,
Por mais que busque e pergunte
Onde estão?... e quem os tem?!

Que sabem bem... desconfio
Pois m'o teem vindo contar;
Ha beijo, que tira a côr,
Ha beijo... que faz córar!

O beijo, que tira a côr,
É beijo dado com medo;
Que sobressalta, e descóra,
A quem resguarda o segredo.

O beijo, que faz córar,
É quasi sempre o primeiro;
Murmurio d'alma da virgem,
Que assoma aos labios fagueiro!

Os beijos, que são pedidos,
Pouza-os na face a vontade:
E' o amor a dilatar-se
No perfume da amizade!

Mas os beijos, que são dados
À vista de muita gente;
Desmerecem no apreço
E arrefecem de repente.

E dizem tambem, que ha beijos
Que dados mais de uma vez:
Entumecem nos sentidos
Torrentes de languidez.

Eu cá por mim, — nada sei,
Mas acho que estes são,
Misterios que não s'explicão
Segredos do coração!

Não sei: — nem mesmo se o beijo,
Revella ás vezes pousando,
Mística voz lá do céu
Que a boca não diz, fallando!

E se inexacto julgarem
Os beijos que descrevi;
Mostrem-me as Damas o erro
Dando-me um beijo a mi!..

Que os beijos que por'hi vão,
Perdidos... que nem eu sei!
Nem se quer um beijo só
Des que se perdem achei.

A. J. de Sousa Almada.

NOTICIAS.

Em 20 de Setembro.

PRAÇA DE LISBOA.

— No dia 16 o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	1\$880	1\$850
Tres operações.....	26	30
Inscrições de 5 por cento.....	49	50
Ditas de 4 por cento.....	39	40
Papel-moeda.....	11	12 m. forte
Titulos antigos (azues).....	6	7
Escriptos para as alfandegas.....	88	90
Na 6.ª parte	86	88
Ações do Banco de Portugal.....	435\$000	440\$000
Ditas das Lezirias.....	360\$000	370\$000
Ditas — Seguro Firmeza.....	370\$000	380\$000
Ditas — Fidelidade.....	19 ½ a 21 por cento pr.	
Ditas — Omnibus.....	62\$400	67\$200
Ditas — Pescarias.....	26\$000	27\$000
Ditas — Vapores do Tejo.....	19\$200	22\$000
Ditas — União Commercial.....	56\$000	60\$000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	70\$000	72\$000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	100 por acção.	
Confiança Nacional.....	375\$000	380\$000

CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de....	360 a 420
Despachado no mercado.....	440 a 480
Molle, a bordo.....	400 a 480
Despachado no mercado.....	460 a 560
Das Ilhas, a bordo.....	340 a 400
Despachado no mercado.....	420 a 460
Cevada do reino, a bordo.....	180 a 190
Despachada.....	220 a 260
Das Ilhas, a bordo.....	— —
Despachada.....	— —
Milho do reino, a bordo.....	— —
Despachado a bordo.....	280 a 300
No mercado.....	340 a 360
Das Ilhas, a bordo.....	— —
Das Ilhas, despachado a bordo.....	— —
No mercado.....	280 a 300
Centeio, a bordo.....	180 a 200
Despachado a bordo.....	220 a 240
No mercado.....	240 a 260

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 8 a 14 de Setembro de 1848.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq.*	moios	alq.*	moios	alq.*	moios	alq.*
Entrada.....	1402	1	46	5	75	28	29	58
Despacho.....	720	23	57	37	88	14	—	30
Existencia.....	6727	43	1978	52	585	5	166	5
Preços.....	400 a 560	230 a 240	280 a 340	260 a 280				

O primeiro trimestre termina no fim de Setembro.

NA IMP. DA EPOCA. — TRAVESSA DO GUARDA MOR N.º 8.